

SUBVERSÕES

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Há qualquer coisa estranha nos ares da Capital da República. Esquentou, esfriou, tornou a esquentar, e agora que se aproxima oficialmente a primavera, tornou a esfriar. Creio que já toquei neste ponto das variações climáticas em outra crônica, e até disse que os cientistas explicaram o fenômeno apelando para a atividade eletrônica do sol. A culpa é do sol, centro do imperialismo planetário e da riqueza eletrônica. Mas há outros fenômenos que não podem ser razoavelmente atribuídos aos reinos dos astros. Anteontem os jornais contaram a história da moça elegante e bonita que foi assaltada num elevador por uma maneiroso gatuno que lhe pedia em termos delicados que entregasse o dinheiro todo que trazia na bolsa. Em vez de entregar o dinheiro, a moça passou uma rasteira e encheu o atrevido de socos, e o ladrão foi tirado do elevador desmaiado. Ontem passando pela ABI vi uma cena esquisita. Três homens carancudos armavam um tabuleiro na calçada, e tiravam latas de dentro de caixas de papelão, e logo, não sei se pelo cheiro, organizou-se uma fila. Parei, perguntei, e fiquei sabendo que se tratava de manteiga americana, sim senhores, manteiga importada dos países de língua inglesa. Parece que a manteiga americana é mais barata ou mais gostosa do que a nacional. De outro modo não se explica a fila, pois parece que as manchas do sol não podem produzir esse tipo de defeito. Vi nas latas um carimbo da COFAP, mas não cheguei a entender o mecanismo do negócio. Tempos atrás alguém me contou que vira comprar leite americano com a marca da procedência e da destinação, pela qual se via que se tratava de uma remessa de leite enviada pela filantropia americana para os pobres do Brasil. Alguém roubou a esmola e deixou de ser pobre com ela.

A semelhança que existe entre o clima, a moça e a manteiga é pura e simplesmente a comum subversão. Para a moça foi bom existir a subversão. Os espertos que estavam na fila da manteiga americana também acham que para eles foi boa a subversão. Chegarão em casa contentes com a lata conquistada. Dou razão à moça, mas não dou razão aos da fila. É triste, meus senhores, comprar manteiga americana e ao mesmo tempo querer fabricar automóveis. Os italianos do tempo de Mussolini trocaram a manteiga por canhões e todos nós vimos o resultado. Hoje a Itália recuperada pelo Partido Democrata Cristão sabe que deve começar as coisas pelo começo, e que é melhor ter manteiga do que ter canhões.

O resumo de tudo isso, que parece loucura minha, cabe nesta expressão singela: desordem total. Ainda ontem conversava com estudantes da Escola Nacional de Engenharia e evocava o tempo quase irreal para mim, em que tive dezoito anos e assisti à construção das novas instalações sanitárias da velha Escola Politécnica.

Era tão ladrilhada, tão espelhada, tão limpinha, que passou a merecer o nome de Primeira do Brasil. Nós tínhamos orgulho dela, da tal Primeira. Ora, hoje que tanto se fala em desenvolvimento econômico e técnico do Brasil a Escola Nacional de Engenharia é pouco mais que um pardiêiro. E o Instituto Eletrotécnico é uma ruína. Visitei outro dia a ex-Primeira do Brasil e tive pena dos moços de hoje que não podem fazer uma idéia do esplendor sanitário que ela tinha naquele tempo bom em que eu também tinha meu esplendor. Hoje a instalação é fela e fétida. Os moços se queixam, não da instalação sanitária, mas da deficiência clamorosa das instalações de ensino. Querem estudar eletrônica e não têm recursos. A sala onde estão os aparelhos está atravancada, empoeirada, e nem sequer tem uma tomada de corrente na parede. Tempos atrás, nesse mesmo Instituto Eletrotécnico funcionava um departamento da Justiça Eleitoral que tomava o espaço de três ou quatro salas de aula. Os estudantes pediram, requereram, imploraram, e por fim tiveram uma saudável e estudantil

idéia: juntaram-se dez ou doze e puseram na rua os móveis, os arquivos, os trens da Justiça. Acorreu ao local o magnífico reitor, fez um discurso, e ficou tudo magnificamente resolvido a favor dos estudantes. Um deles, a guisa de moralidade, me disse no fim da história: Já vê o senhor que nós temos que tomar as decisões e as atitudes que o sr. criticou num artigo. Dei razão aos moços. E dou razão às reclamações que hoje fazem. Eles querem instalações, laboratórios, modestos que sejam, onde possam estudar as técnicas modernas. Não dizem todos que o Brasil precisa de técnica?

Contei-lhes então a história da Primeira do Brasil, e expliquei-lhes que hoje a Primeira a Primeiríssima do Brasil está no planalto central de Goiás. Dizem que as instalações sanitárias do Palácio da Alvorada custaram quinze mil contos. Ora com a metade desse dinheiro, admitindo que o sr. Presidente se contentasse com uma privada de sete mil e quinhentos contos, os estudantes de engenharia da Capital da República poderiam comprar uma porção de aparelhos instrutivos. Seria uma beleza, rapazes, se o sr. Presidente da República se contentasse com lavatórios de sete mil e quinhentos contos e desse o restante para a Universidade, ou mais especialmente, para o gabinete de eletrônica do Instituto Eletrônico da Capital da República. Era até capaz de sobrar alguma coisa para comprar giz de cor, que o professor frequentemente tem de comprar de seu bolso. Talvez, se o sr. Presidente da República consentisse em baixar um pouco, digamos até sete mil contos, o preço de sua privada, talvez pudessemos comprar um novo quadro negro e conservar a goteira que pinga na sala de aula. Com dois mil contos, se o sr. Presidente deixasse por cinco mil

os vasos e demais aparelhos de sua intimidade, poderíamos consertar o edifício e até talvez sobrasse alguma coisa para restaurar a Primeira, isto é, a ex-Primeira em sua antiga dignidade. Que diacho, duzentos ou trezentos contos para as instalações sanitárias do Instituto Eletrônico não é exagero, se admitirmos que ainda sobram cinco mil para o uso quase exclusivo do sr. Presidente. Afinal de contas, o que se faz nesses lugares é muito uniforme, muito democrático, e os anos nem saberão se aquilo é de estudante ou de presidente. A democracia deve começar por essas coisas universais e humildes. Não decididamente é muito, ainda é muito o total de cinco mil para o Palácio da Alvorada. Fique por quatro mil, e montamos nós no Instituto Eletrônico um pequeno transmissor experimental. Como os estudantes ficariam felizes se o Presidente da República pudesse se contentar com quatro mil contos para aquelas funções!

Mas os assessores da Presidência da República explicarão aos estudantes de engenharia que o Brasil é um país subdesenvolvido, e que a carência de divisas impede a abertura de verbas mais liberais para os gabinetes de eletrônica e de telecomunicações. Pois vocês não sabem que o Brasil tem sido esbulhado pelas grandes potências? Pois não são vocês mesmos que costumam clamar contra a pressão dos trustes e cartéis? E então?! É ter paciência. Brasília vai abrir novos horizontes ao Brasil. As instalações sanitárias do Palácio da Alvorada são a prôa, são a ponta de lança que abrirá nos sertões brasileiros brechas de onde correrão o leite e o mel. É esperar. É ter confiança das instalações sanitárias do Palácio da Alvorada. Quem não tem confiança nessas instalações sanitárias não tem confiança no Brasil!!